

CEJA >>

CENTRO DE EDUCAÇÃO
de JOVENS e ADULTOS

- Alguns elementos estéticos do Texto Descritivo

Texto do tipo descritivo tem como objetivo fazer com que o leitor ou ouvinte "visualize" ou construa mentalmente um objeto, uma pessoa, um ser, uma cena. Para isso, observe como a descrição se organiza: na sequência de frases e orações em que se destacam o que se vê (substantivos) e suas características em que se destacam os adjetivos (adjetivos). Vejamos, no exemplo, como os adjetivos caracterizam a personagem de Maria:

"Sua pele clara e seus cabelos lisos deslumbram um sorriso amigável e tristonho. Caracterizada com o adjetivo "clara", sentiu os adjetivos "amigável" e "

LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

Fascículo 3
Unidades 6 e 7

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Governador

Wilson Witzel

Vice-Governador

Claudio Castro

SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Secretário de Estado

Leonardo Rodrigues

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

Secretário de Estado

Pedro Fernandes

FUNDAÇÃO CECIERJ

Presidente

Gilson Rodrigues

PRODUÇÃO DO MATERIAL CEJA (CECIERJ)

Coordenação Geral de
Design Instrucional

Cristine Costa Barreto

Elaboração

Alvana Boff

Ana Lucia Buogo

Edna Maria Santana Magalhães

Julia Fernandes Magalhães

Maria Antonieta Antunes Cunha

Atividade Extra

Janaina de Oliveira Augusto

Julia Fernandes Lopes

Maria da Aparecida Meireles de Pinilla

Roberta Campos de Carvalho Pace

Revisão de Língua Portuguesa

Julia Fernandes Lopes

Coordenação de Design Instrucional

Flávia Busnardo

Paulo Miranda

Design Instrucional

Flávia Busnardo

Lívia Tafuri Giusti

Coordenação de Produção

Fábio Rapello Alencar

Capa

André Guimarães de Souza

Projeto Gráfico

Andreia Villar

Imagen da Capa e da Abertura das Unidades

<http://www.sxc.hu/browse.phtml?f=view&id=992762> – Majoros Attila

Diagramação

Equipe Cederj

Ilustração

Bianca Giacomelli

Clara Gomes

Fernando Romeiro

Jefferson Caçador

Sami Souza

Produção Gráfica

Verônica Paranhos

Sumário

Unidade 6 A Narração	5
<hr/>	
Unidade 7 A narração: os elementos linguísticos e tipos de discurso	35
<hr/>	

Prezado(a) Aluno(a),

Seja bem-vindo a uma nova etapa da sua formação. Estamos aqui para auxiliá-lo numa jornada rumo ao aprendizado e conhecimento.

Você está recebendo o material didático impresso para acompanhamento de seus estudos, contendo as informações necessárias para seu aprendizado e avaliação, exercício de desenvolvimento e fixação dos conteúdos.

Além dele, disponibilizamos também, na sala de disciplina do CEJA Virtual, outros materiais que podem auxiliar na sua aprendizagem.

O CEJA Virtual é o Ambiente virtual de aprendizagem (AVA) do CEJA. É um espaço disponibilizado em um site da internet onde é possível encontrar diversos tipos de materiais como vídeos, animações, textos, listas de exercício, exercícios interativos, simuladores, etc. Além disso, também existem algumas ferramentas de comunicação como chats, fóruns.

Você também pode postar as suas dúvidas nos fóruns de dúvida. Lembre-se que o fórum não é uma ferramenta síncrona, ou seja, seu professor pode não estar online no momento em que você postar seu questionamento, mas assim que possível irá retornar com uma resposta para você.

Para acessar o CEJA Virtual da sua unidade, basta digitar no seu navegador de internet o seguinte endereço:
<http://cejarj.cecierj.edu.br/ava>

Utilize o seu número de matrícula da carteirinha do sistema de controle acadêmico para entrar no ambiente. Basta digitá-lo nos campos “nome de usuário” e “senha”.

Feito isso, clique no botão “Acesso”. Então, escolha a sala da disciplina que você está estudando. Atenção! Para algumas disciplinas, você precisará verificar o número do fascículo que tem em mãos e acessar a sala correspondente a ele.

Bons estudos!

de características de
uma cena, uma situação,
guantem o texto descritivo.
anfíscos, plásticos, sociais
e, ouve, sente, percebe, conta a
num livro didático, numa revista de
relatório etc.

'Alguns elementos estéticos do Texto Descritivo

Texto do tipo descritivo tem como objetivo fazer com que o leitor ou
ouvirte "visualize" ou construa mentalmente um objeto, uma pessoa
um ser, uma cena. Para isso, observe como a descrição se organiza:
numa sequência de frases e orações em que se destacam, o que se
descreve (substantivos) e suas características (adjetivos e locuções
jetivas). Veja, no exemplo, como os adjetivos caracterizam a pa-
sorrido de Maria:

"Sua pele clara e seus cabelos lisos destacam um sorriso
tímido e tristonho.

O (adjetivo) é caracterizada com o adjetivo "clara";
O apresentam os adjetivos "tímido" e "

A Narração

Fascículo 3
Unidade 6

A Narração

Para início de conversa...

Você já deve ter reparado que o nosso dia a dia está cercado de momentos em que respondemos (e fazemos) perguntas como:

O que há de novo?

E dai, o que aconteceu na aula ontem?

Você não sabe o sonho que tive ontem. Foi assustador! Quer ouvir?

Sabe aquele gato que conheci na nossa festa na empresa outro dia? Encontrei com ele de novo e foi uma emoção só!

É isso mesmo! Gostamos de saber o que acontece com as pessoas que nos cercam e de contar o que acontece conosco. Ficamos empolgados, envolvemo-nos e até mesmo rimos ou choramos das histórias que nos contam. Fazemos questão de deixar registradas as nossas vivências e a nossa forma de viver em cada tempo.

Contar histórias é uma experiência constante na evolução de todos os povos. Verdadeiras ou inventadas, mesmo sendo pura ficção, eram, no início, contadas apenas oralmente, transmitidas de boca em boca pela comunidade; depois, escritas ou usando outras formas de expressão, as histórias são sempre uma tentativa de o homem entender o mundo, entender-se, expressar-se.

Assim, contar histórias, escritas ou faladas, é uma das formas que utilizamos para criarmos uma identidade entre as pessoas de nosso grupo, o que nos permite maior interação no meio em que vivemos. E mais, através dessas histórias, vamos reafirmando e construindo nossa cultura, transmitindo nossos vários conhecimentos de mundo através de gerações.

Esta unidade vai abordar, pois, essas manifestações e o tipo de texto que construímos para concretizar essas ações. Vamos trabalhar com a narração, com os textos narrativos, suas manifestações, seus elementos e estrutura.

Convidamos você a entrar e conhecer esse universo. Bom trabalho!



Figura 1. Leitura no bosque

Objetivos de aprendizagem

- Reconhecer o conceito de narração.
- Identificar os elementos e características de um texto narrativo.
- Reconhecer a estrutura do texto narrativo.
- Elaborar textos narrativos.

Seção 1

A narração

Mas afinal, o que é narrar?

Podemos dizer que o ser humano é, por natureza, histórico. Precisamos deixar registrada a história da existência humana: suas conquistas, suas descobertas, sua forma de viver o dia a dia, sua cultura. Fazemos questão de passar de geração a geração as nossas histórias.

E como fazemos isso?

Produzindo textos – orais e escritos – que vão retratar vivências, acontecimentos e formas de ver o mundo, construindo nossa cultura, conforme o tempo vai passando.

Esses textos constituem relatos, narrações, textos narrativos.



Para entender melhor o conceito de narração, leia os textos a seguir e responda às questões propostas.

Texto 1

Certo dia, um homem resolveu se inscrever em um concurso para locutor de rádio.

O diretor da rádio perguntou:

- O seu nome?

- Jo-jão dda Sssil-silva Ssantos.

Espantado, o diretor disse:

- Ora, meu senhor, como você espera participar de um concurso para locutor, se você é gago?

Prontamente, o homem respondeu;

- Não, eu não sou gago. Gago era meu pai e incompetente foi o escrivão que me registrou com esse nome!

(Circulando na Internet. <http://www.piadas.com.br/piadas/curtas -adaptado>)



Texto 2

Atividade

1



As descobertas lusitanas. Por Márcio Cabral de Moura.

A descoberta do Brasil

Em 22 de abril de 1500, chegavam ao Brasil 13 caravelas portuguesas, lideradas por Pedro Álvares Cabral. À primeira vista, eles acreditavam tratar-se de um grande monte e chamaram-no de Monte Pascoal.

O descobrimento do Brasil ocorreu no período das grandes navegações quando Portugal e Espanha exploravam o oceano em busca de novas terras. (...) em 1492, Cristóvão Colombo, navegando pela Espanha, chegou à América. (...) Diante do fato de ambos terem as mesmas ambições e com objetivo de evitar guerras pela posse das terras, Portugal e Espanha assinaram o Tratado de Tordesilhas, em 1494. De acordo com este acordo, Portugal ficou com as terras recém-descobertas que estavam a leste da linha imaginária (200 milhas a oeste das ilhas de Cabo Verde), enquanto a Espanha ficou com as terras a oeste desta linha.

(Adaptado de <http://www.suapesquisa.com/historia/descobrimentodobrasil/>)

Sobre os textos:

1. No primeiro texto, o que é contado? E como é contado? Qual o objetivo comunicativo desse texto?

2. E no segundo, que acontecimento é relatado? E como é feito o relato? O propósito comunicativo é o mesmo que o anterior? Qual a diferença?

Anote suas respostas em seu caderno

Atividade

1

Conforme podemos perceber, embora os dois textos tenham objetivos comunicativos diferenciados na apresentação dos fatos, eles têm uma função em comum: tomar fatos e contá-los para dar a conhecer aos outros o que aconteceu.

O primeiro texto é uma piada e tem por propósito, pelo relato de uma situação engraçada, provocar no leitor o riso.

O segundo é um texto de natureza didática e tem a função de apresentar ao leitor, o relato de um acontecimento que marcou a nossa história.

Pelo que vimos até agora, narrar é relatar, contar fatos e episódios (reais ou fictícios) passados para dar a conhecer a alguém experiências e vivências. Narrar é contar uma história, curta ou longa.

E, quando narramos?

Narramos quando queremos que os outros saibam o que aconteceu conosco, quer para emocionar, provocar sentimentos de solidariedade, quer para divertir e mostrar os nossos (pre) conceitos e formas de encarar o mundo e as pessoas. Nossas conversas, confidências entre amigos, fofocas são exemplos desse tipo de exercício narrativo.

Narramos quando queremos, através de concepções coletivas e culturais, explicar o mundo e seu funcionamento e (re) criar realidades. Daqui surgem as lendas e as fábulas, as crônicas, contos, romances etc.

Narramos quando queremos dar a conhecer o que se passa no mundo e na sociedade e aí temos as notícias veiculadas em telejornais, jornais escritos etc.

Narramos quando queremos deixar registrados os acontecimentos e fatos da história da Humanidade. Aí temos os textos que fazem parte da disciplina História.

Narramos, quando queremos simplesmente divertir e animar. As piadas, as anedotas, as histórias em quadrinhos, os desenhos animados servem para essa função.

Como vimos até agora, o nosso dia a dia está marcado pela narração, em diferentes gêneros textuais. O ser humano precisa deixar registrado o seu tempo e a forma como vive. As histórias (relatos) passadas de geração a geração, oralmente, foram e são ainda em algumas comunidades a forma de preservar a cultura de um povo. Com o advento da escrita e das descobertas da imprensa, muitos desses relatos passaram a constituir um acervo para o conhecimento da história da humanidade.

Seção 2:

Características e elementos do texto narrativo

Que tal entendermos um pouco sobre como se estrutura uma narração, quais são seus elementos constitutivos e suas características?

Apresentamos um exemplo de texto narrativo e algumas questões como desafio para que possamos definir os elementos que caracterizam esse tipo de texto.



Figura 2. A princesa sobre os colchões.

A princesa e a ervilha

Hans Christian Andersen

Era uma vez um príncipe que queria casar com uma princesa — mas tinha de ser uma princesa verdadeira. Por isso, foi viajar pelo mundo afora para encontrar uma. Viu muitas princesas, mas nunca tinha a certeza de serem genuínas. Havia sempre qualquer coisa que não parecia estar como devia ser. Por fim, regressava a casa, muito abatido.

Uma noite, houve uma terrível tempestade. No meio dela, alguém bateu à porta e o velho rei, pai do príncipe, foi abri-la.

Deparou-se com uma princesa. O estado em que ela estava era deplorável. A água escorria-lhe pelos cabelos e pela roupa, e saía pelas biqueiras e pela parte de trás dos sapatos.

No entanto, ela afirmava ser uma princesa de verdade.

A velha rainha não disse nada e foi ao quarto de hóspedes, onde a moça iria dormir, desmanchou a cama toda e pôs uma pequena erva no colchão. Depois empilhou mais vinte colchões e vinte cobertores por cima.

De manhã, perguntaram-lhe se tinha dormido bem.

A princesa respondeu que não havia pregado o olho a noite toda, pois tinha sentido algo na cama que a incomodou profundamente e que deixara manchas roxas em sua pele.

Então ficaram com a certeza de terem encontrado uma princesa verdadeira, pois ela tinha sentido a erva através de vinte cobertores e vinte colchões. Só uma princesa verdadeira podia ser tão sensível.

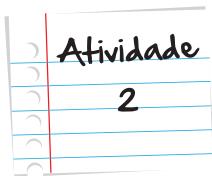
Então o príncipe casou com ela. E a erva foi para o museu.

Adaptado de: <http://www.educacional.com.br/projetos/ef1a4/contosdefadas/princesaervilha.html>



Hans Christian Andersen nasceu em Odense - Dinamarca, em 02 de abril de 1805 e faleceu em 04 de agosto de 1875. Ele foi um importante escritor de histórias infantis - os famosos contos de fadas. Era filho de sapateiro e teve uma infância muito pobre, mas apesar disso, sempre teve contato com histórias que lhe eram contadas e encenadas pelo seu pai. Apesar de todas as dificuldades por que passou na vida, tornou-se um escritor famoso e seus textos ultrapassam os séculos e ainda hoje encantam crianças e adultos. Entre os seus contos, destacam-se *O Patinho feio*, *A Caixinha de Surpresas*, *O Soldadinho de Chumbo*, *A Princesa e a Erva*, *A Pequena Sereia*, *A Vendedora de Fósforos*, *A Roupa Nova do Rei*, *Os Sapatinhos Vermelhos*, dentre outros.





A partir da leitura do texto, identifique e aponte o que é solicitado.

1. Qual é o título do texto?
2. Quem é o autor do texto? Você já ouviu falar dele?
3. O que está sendo contado? Que fato, acontecimento gera/desencadeia a história?
4. Quem são os personagens (sujeitos) envolvidos na história?
5. Quem conta a história? É possível identificar o narrador?
6. Em que tempo e lugar a história ocorre? Que elementos no texto mostram-nos isso?

Anote suas respostas em seu caderno

Você deve ter percebido que as questões já apresentam “pistas” sobre que *elementos* fazem parte da narração: *o fato*, gerador/desencadeador da história, personagens, narrador, enredo (a sequência de fatos e ações que formam a história em si), *o tempo* (a ordenação em que as ações são contadas e quando) e o lugar, isto é, *o espaço/ambiente*, onde ocorre a história.

No texto analisado, o autor Hans Christian Andersen, através de um *narrador* que não se identifica no texto, conta a história de um príncipe que procurava incessantemente por uma princesa para se casar.

Em dado momento, numa noite de tempestade, após ele ter retornado à casa, uma moça bate a sua porta. Este *fato* desencadeia a história. A rainha resolve se certificar da afirmação da moça de que era uma princesa e coloca uma ervaílha em meio aos colchões e cobertores. E assim, a história vai se desenvolvendo, desenrolando-se, até que a moça acorda na manhã seguinte e afirma ter sentido algo que a incomodara em meio às cobertas. Este é o ponto máximo da história, o instante que cria certo clima de suspense no leitor, que vai querer saber o que acontece em seguida.

Dessa forma, através dos outros personagens, reconhece-se que ela era mesmo uma princesa. E a história termina com o casamento da moça, agora princesa, e o príncipe. É o *desfecho* da história.

A história acontece num *tempo* distante e num *lugar* onde havia reis, príncipes e princesas, próximo à natureza.

Assim, este texto é um exemplo típico de narrativa, com elementos característicos da narração: fato, persona-

gens, narrador, espaço/ambiente, tempo, enredo – dividido em apresentação, complicação (o fator problema), clímax e desfecho - e a constituem como tal.

Vamos sintetizar essas noções?

Fato gerador/desencadeador da história

A narração pressupõe sempre a existência de um fato gerador/desencadeador para uma sequência de ações que se estruturam, a partir de uma organização lógico-temporal.

Por fato gerador, entende-se aquele que, numa dada situação e tempo, merece destaque e, por isso, será narrado. Os fatos geradores podem ser *reais ou ficcionais*, imaginários, promovendo relatos referenciais/ informativos, no caso da narração de fatos reais, ou literários, se ficcionais.



Estes fatos geram uma sequência de outros fatos que, articulados entre si, formam o *enredo da história*.

Personagens

Uma narração envolve a presença de sujeitos que vivem as ações apresentadas. Esses sujeitos podem ser *reais* (aqueles que aparecem em relatos referenciais, como notícias de jornal) ou *criados pela imaginação de alguém, personagens* (como nos relatos literários, como o conto e a novela, as piadas, as fábulas etc.).

Os personagens são a razão de ser das narrativas, uma vez que os acontecimentos dizem respeito a eles. Qualquer ser, inclusive os imaginários, ou outro elemento pode se transformar em personagem.

Chamamos um personagem de *protagonista*, quando é o principal da narrativa; e de *secundário*, quando dá suporte aos eventos que giram em torno dos personagens principais. O *antagonista* é o personagem que se opõe ao principal.



Tempo e espaço da narrativa

Nas narrativas, a indicação do *tempo e o espaço* é imprescindível, mesmo que de forma implícita, percebida apenas na medida em que se lê ou ouve-se a história, pois estes elementos estão nas ações narradas que se transformam em relato.

A narrativa obrigatoriamente insere-se num tempo, uma vez que acontecimentos surgem numa sequência temporal, isto é, a sequência em que os fatos são narrados.

A duração de uma narrativa pode variar, conforme a espécie de gênero e outras características da história. Nos "causos", piadas e anedotas, os acontecimentos duram minutos, às vezes menos. São, portanto, narrativas menores. Em narrativas em que se focalizam uma ou várias gerações de uma pessoa ou grupo social, ou as etapas de um casamento, por exemplo, o tempo decorrido pode ser bem longo, dando origem a narrativas longas, como nos romances.

Narrador e foco narrativo

Um relato sempre envolve a presença de um autor, que não pode ser confundido com o narrador.



O autor é aquele que idealiza a história e manifesta, por meio do texto, intencionalidades e objetivos específicos (fazer rir, emocionar, polemizar, informar etc.).

O narrador é a figura que assume no texto o papel de ser o porta voz do autor, a "voz" que conta a história.

O narrador pode ser um personagem que vive a história ou assiste-a, ou alguém que se coloca como se estivesse do lado de fora da história e observa tudo o que acontece.

O narrador é o responsável pela história. Para nos apresentá-la, ele escolhe um *ângulo*, um ponto de vista de onde ele nos conta os fatos. Ele funciona como o diretor do filme, no cinema: só vemos o que eles (narrador, no texto, e diretor, no filme) nos permitem ver daquele lugar onde eles nos puseram, para tomar conhecimento da história.



Chamamos a essa escolha do ponto de vista do narrador de **foco narrativo**.

O papel que o narrador tem na narrativa está ligado a esse foco:

- a) ele pode contar a história como um personagem, participando e interferindo nas ações narradas. Daí, dizemos que o *foco narrativo é interno*, e o narrador é chamado de *narrador-personagem ou participante*;
- b) ou, ainda, como simples observador, tentando ver, objetivamente, sem interferência nas ações dos personagens e nos fatos. Nesse caso, dizemos que o foco narrativo é externo.

É claro que, conforme o foco narrativo, o ouvinte ou leitor vai perceber uma história bem diferente, não é?

Note a diferença nos exemplos que analisamos adiante.

Se tivermos, na narrativa, um *narrador-personagem*, esta é construída na 1^a Pessoa (*eu/nós*). Veja o trecho a seguir:

“

“Já estava cansada de tanto esperar por uma solução para o problema do lixo na nossa comunidade. Resolvi, então, tomar uma atitude e ir procurar meu grupo de colegas da escola para, juntos, pensarmos uma campanha para conscientizar a sociedade da importância do cuidado com os resíduos domésticos.”

(texto especialmente elaborado para este material – os autores)

”

No exemplo anterior, percebemos que quem conta a história também é o personagem que resolve, depois de muito tempo, convivendo com um problema, agir e buscar alternativas de solução. Os elementos em 1^a pessoa, como “estava”, “resolvi” e o pronome “meu” indicam que o narrador é um personagem.

Se o narrador não faz parte da história como personagem, mas como alguém que apenas presencia e observa os acontecimentos, ou relata o que lhe contaram, a narrativa dá-se na 3^a pessoa e o narrador é chamado de *observador*. Nesse caso, o narrador pretende ou quer dar a impressão de total objetividade e não tece comentários, apenas relata fatos do modo mais preciso possível. Além disso, não se misturam com as personagens. Essa narração “externa”, mais distante, raramente ocorre.

O narrador mais comum é o *narrador onisciente*, aquele que narra em 3^a pessoa, sem participar da história, e, como um deus, conhece tudo, vê tudo, está em todos os lugares e informa-nos até sobre o espírito dos personagens, seus pensamentos, suas intenções e sentimentos.



Veja alguns exemplos de trechos com narrador em 3^a pessoa.

- Com narrador observador:

“ “

“Era uma vez uma menina que se chamava Mariana. Ela morava numa cidade pequena e vivia dizendo que um dia iria embora. Quando a menina cresceu, ela foi estudar numa grande cidade e logo na sua chegada ficou encantada com o que viu: os prédios eram enormes, as ruas eram largas, o movimento dos carros era intenso e os cheiros dos restaurantes enchiam sua mente.”

(trecho especialmente elaborado pelos autores para este material)

” ”

- Com narrador onisciente:

“ “

“Todos os espaços da casa traziam a João lembranças da sua infância. Passavam por sua cabeça os momentos em que fora feliz ali: as brincadeiras de esconde-esconde com os irmãos, as fugas das brigas dos pais, o carinho da mãe que o pegava e fazia-lhe cócegas... Que saudade sentia daqueles tempos!”

(trecho especialmente elaborado pelos autores para este material)

” ”

Os dois trechos são escritos em 3^a pessoa (“chamava-se Mariana”, “ela morava”, “todos os espaços traziam”, “sua infância”) e demonstram que o narrador encontra-se do lado de fora aos acontecimentos. São narradores que contam a história de outras pessoas (personagens).

No primeiro caso, o narrador apenas conta o que conhece, ouviu ou viu sobre a menina, chamada Mariana. Ele assume apenas uma postura de observador.

Já no segundo, o narrador vai além do que é visto e manifesta os sentimentos mais escondidos do personagem. Ele parece saber o que o personagem está sentindo ao andar pela casa, onde passou a sua infância. Então, ele passa a ter uma postura de *onisciência*.



Ao escolher o ponto de vista, o narrador está privilegiando sua visão de mundo. E mais: ele não só conhece os mais íntimos pensamentos e reações de cada personagem, como também decide o perfil e a sorte de cada um deles. É a partir desse narrador que vamos definindo nossas opiniões a respeito dos personagens, torcendo por uns e abominando outros.

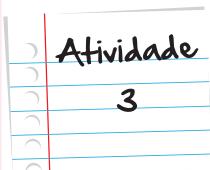
Seção 3

A estrutura do texto narrativo – a constituição do enredo

Os textos narrativos têm uma forma própria de organização e articulação entre as partes que os constituem e permitem a construção do enredo. Vamos explorar a estrutura da narrativa? Retome o texto *A Princesa e a Ervilha*, e responda à atividade seguinte.

Para apresentarmos as partes que estruturam uma narrativa, vamos solicitar sua ajuda, pode ser? Responda às questões e, em seguida, leia as explicações apresentadas.

1. Como se inicia o texto *A princesa e a ervilha*? Quais são os elementos apresentados?
Que expressão marca este início?
2. Evidencie o problema focalizado em torno do personagem principal.



Conforme você deve ter respondido, no início do texto há a apresentação de um dos personagens – o *príncipe* –, e do seu problema – *não encontrar uma princesa verdadeira para se casar*, identificado no trecho que vai de

A esta parte chamamos de **SITUAÇÃO INICIAL** e nela há a apresentação do ambiente, dos personagens, criando um pano de fundo onde ocorrerão as ações (como tudo estava, quem participa da história).

3. Qual o fato gerador da história e que leva a uma possibilidade de resolução do problema?

No texto, surge um fato diferente que cria expectativa no leitor e essa parte está compreendida entre “*Uma noite houve uma tempestade*” até “*foi abri-la*.”



Atividade

3

O fato diferente que cria expectativa no leitor constitui uma segunda parte do texto, que chamamos de **FORÇA TRANSFORMADORA (complicação/problema)**, onde há a apresentação do(s) fato(s) gerador(es) da história. Considera-se como um problema em textos narrativos, qualquer acontecimento que desfaz uma ordem estabelecida.

4. Enumere os fatos desencadeados, a partir do fato gerador do problema.

Você percebeu que, apesar do seu estado, a moça afirma ser uma princesa. Mas, para se certificar disso, a rainha colocou uma erva-ali entre todos os cobertores e colchões onde a princesa iria dormir, na expectativa de que ela pudesse de fato sentir a presença dela. A moça acordou, no dia seguinte, queixando-se de que não conseguira dormir, porque algo a incomodou a noite inteira, compreendido no trecho "*Deparou-se com uma princesa*" até "*manchas roxas em sua pele*".

Temos aqui uma terceira parte do texto, denominada **Dinâmica de Ação (ações)**, onde é apresentado o desenvolvimento da sequência de ações da história, obedecendo a uma organização lógico-temporal (o que aconteceu primeiro e depois e depois...).

5. Aponte a solução dada ao problema do personagem.

O rei, a rainha e o príncipe descobrem, então, que ela era uma princesa verdadeira. No texto, esta parte refere-se ao trecho de "*Então ficaram com a certeza*" até "*sensível*".

A esta parte, chamamos de **FORÇA EQUILIBRANTE (equilíbrio)**, na qual há a apresentação de uma situação ou conjunto de ações que levam à resolução do problema apontado no início do texto (o que resolveu o problema apresentado)

6. E como termina a história?

Enfim, o príncipe casa-se com a princesa e surge uma linda história. Esta etapa corresponde à parte "*Então o príncipe (...) museu*".

Aqui temos a última parte da narrativa, a que denominamos **SITUAÇÃO FINAL** – **desfecho**, mostrando como a história acabou e houve o desenlace do problema inicial.

Anote suas
respostas em
seu caderno

Atividade

3

Você percebeu com essa análise que um texto narrativo não se estrutura simplesmente em início, meio e fim. Na verdade, ele se estrutura em mais partes que nos permitem ter maior visibilidade da história e da sua organização no tempo e no espaço.

Assim, de acordo com a concepção aqui abordada, o texto narrativo padrão é composto por:

- 1º Situação Inicial
- 2º Força transformadora (complicação/problema)
- 3º Dinâmica de Ação (ações)
- 4º Força Equilibrante (equilíbrio)
- 5º Situação Final (desfecho)

Assim, nesta unidade, você percebeu que:

- a) contar histórias faz parte de nossa cultura há muito tempo.
- b) as narrativas sofreram mudanças ao longo do tempo, mas sempre exercearam fascínio nas pessoas, para fazer rir, ou chorar, ou apenas para trazer conhecimento. A curiosidade em saber o que aconteceu, com quem, como, onde e o porquê, sempre fez parte da natureza humana.
- c) contar histórias, então, permite-nos criar uma identidade com o outro e faz-nos sentir parte do grupo social em que vivemos.

Na próxima unidade, voltaremos a estudar as narrativas, abordando seus aspectos linguísticos. Até lá!



Produção Textual

Agora que você já compreendeu o que é narração e que você teve a oportunidade de ler e analisar os elementos que compõem os textos narrativos e sua estrutura, chegou a hora de colocar em prática sua capacidade de contar histórias.

Certamente, ao longo da sua vida, você vivenciou algumas situações marcantes. Situações em que você teve medo, alegria, emoção, incertezas, constrangimento etc. Lembre-se de um desses momentos e conte como ele aconteceu.

Seu texto deverá ter em torno de 30 linhas e contemplar os elementos estudados e a estrutura proposta.

Anote suas respostas em seu caderno

Apresentamos algumas questões que poderão nortear a sua escrita. Não se esqueça de fazer o plano do seu texto, antes de iniciar a produção.

Como esse momento constitui parte da sua história, não tenha medo de utilizar a forma que melhor lhe agradar e dar o tom e colorido que você quiser. Você pode adotar uma postura mais objetiva, engraçada, dramática etc. Afinal, o texto é seu!

Orientações para produção de texto narrativo

Que título terá seu texto?

Qual será o foco narrativo? (1^a ou 3^a pessoa?)

Quem participou da história (personagens)?

Quando aconteceu?

Onde aconteceu?

O que aconteceu, qual foi o fato que desencadeou a história?

O que aconteceu como consequência do fato (sequência das ações)?

Como você iniciará o texto?

Como tudo se resolveu?

Como a sua história acabou?

Veja ainda

A TV Escola, canal do MEC com programas variados sobre educação, traz a série Salto para o Futuro – Cotidiano, Imagens e Narrativas, onde debate os cotidianos escolares sob três focos: as diferentes identidades, a educação ecológica e o uso de artefatos culturais na criação de tecnologias. Vale a pena você assistir a uma das séries.

http://tvescola.mec.gov.br/index.php?option=com_zoo&view=item&item_id=5598

Imagens



- Acervo pessoal • Sami Souza



- http://www.flickr.com/photos/ana_cotta/2088960357



- <http://www.flickr.com/photos/mcdemoura/4462708377>



- http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Jesperhus,_dk,_20050820,_16_ubt.jpeg



- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:HCAndersen.jpeg>



- <http://www.sxc.hu/photo/517386>



- http://www.sxc.hu/985516_96035528

Atividade 1

1. O primeiro texto é uma piada e é contado o momento da entrevista de homem, filho de um gago, para locutor de rádio. O objetivo do texto é fazer o leitor/ouvinte rir e divertir-se.
2. O acontecimento contado é a Descoberta do Brasil. O relato é feito de uma forma mais objetiva, com o objetivo comunicativo de informar aos leitores sobre um acontecimento histórico. Neste texto, não se tem a pretensão de fazer rir, e sim de informar de forma objetiva o que aconteceu.

Atividade 2

1. A princesa e a erva-lichta
2. Hans Christian Andersen. (O restante da resposta é pessoal.)
3. Está sendo contada a história de um príncipe que por muito tempo procurou uma princesa verdadeira. O fato que desencadeia a história é o aparecimento de uma princesa na casa do príncipe, numa noite de tempestade.
4. O príncipe, a princesa, o rei e a rainha
5. A história é contada por um narrador desconhecido, que não faz parte dela.
6. A história passa-se num tempo distante onde existiam reis, rainhas, príncipes e princesas.
Vemos isso pela própria forma como os personagens são nomeados.

Atividade 3

1. No início do texto, há a apresentação de um dos personagens – o príncipe –, e do seu problema – não encontrar uma princesa verdadeira para se casar, identificado no trecho que vai de “Era uma vez (...)” até “queria uma princesa verdadeira.”
2. O problema está centrado no fato de o príncipe não encontrar uma princesa verdadeira para se casar.

3. O fato foi a chegada de uma moça que se dizia ser uma princesa à casa do príncipe, numa noite de tempestade.
4. Apesar do seu estado, a moça afirma ser uma princesa e, para se certificar disso, a rainha colocou uma erva-lixir entre todos os cobertores e colchões onde a princesa iria dormir, na expectativa de que ela pudesse de fato sentir a presença dela. A moça acordou no dia seguinte, queixando-se de que não conseguira dormir, porque algo a incomodou a noite inteira.
5. O rei, a rainha e o príncipe descobrem, então, que ela era uma princesa verdadeira.
6. No final, o príncipe casa com a princesa e a erva-lixir vai para o museu.

Respostas
das
Atividades

Atividade 4

Resposta pessoal. Sugerimos que você discuta seu texto com o professor, para que ele possa avaliá-lo.

O que perguntam por aí?

FCC - 2011 - TRE-RN - Técnico Judiciário - Programação de Sistemas

Rio Grande do Norte: a esquina do continente

Os portugueses tentaram iniciar a colonização em 1535, mas os índios potiguares resistiram e os franceses invadiram. A ocupação portuguesa só se efetivou no final do século, com a fundação do Forte dos Reis Magos e da Vila de Natal. O clima pouco favorável ao cultivo da cana levou a atividade econômica para a pecuária. O Estado tornou-se centro de criação de gado para abastecer os Estados vizinhos e começou a ganhar importância a extração do sal – hoje, o Rio Grande do Norte responde por 95% de todo o sal extraído no país. O petróleo é outra fonte de recursos: é o maior produtor nacional de petróleo em terra e o segundo no mar. Os 410 quilômetros de praias garantem um lugar especial para o turismo na economia estadual.

O litoral oriental compõe o Polo Costa das Dunas - com belas praias, falésias, dunas e o maior cajueiro do mundo –, do qual faz parte a capital, Natal. O Polo Costa Branca, no oeste do Estado, é caracterizado pelo contraste: de um lado, a caatinga; do outro, o mar, com dunas, falésias e quilômetros de praias praticamente desertas. A região é grande produtora de sal, petróleo e frutas; abriga sítios arqueológicos e até um vulcão extinto, o Pico do Cabugi, em Angicos. Mossoró é a segunda cidade mais importante. Além da rica história, é conhecida por suas águas termais, pelo artesanato reunido no mercado São João e pelas salinas.

Caicó, Currais Novos e Açari compõem o chamado Polo do Seridó, dominado pela caatinga e com sítios arqueológicos importantes, serras majestosas e cavernas misteriosas. Em Caicó há vários açudes e formações rochosas naturais que desafiam a imaginação do homem. O turismo de aventura encontra seu espaço no Polo Serrano, cujo clima ameno e geografia formada por montanhas e grutas atraem os adeptos do ecoturismo.

Outro polo atraente é Agreste/Trairi, com sua sucessão de serras, rochas e lajedos nos 13 municípios que compõem a região. Em Santa Cruz, a subida ao Monte Carmelo desvenda toda a beleza do sertão potiguar – em breve, o

local vai abrigar um complexo voltado principalmente para o turismo religioso. A vaquejada e o Arraiá do Lampião são as grandes atrações de Tangará, que oferece ainda um belíssimo panorama no Açude do Trairi.

(Nordeste. 30/10/2010, Encarte no jornal **O Estado de S. Paulo**).

O texto se estrutura notadamente

- a) sob forma narrativa, de início, e descritiva, a seguir, visando a despertar interesse turístico para as atrações que o Estado oferece.
- b) de forma instrucional, como orientação a eventuais viajantes que se disponham a conhecer a região, apresentando-lhes uma ordem preferencial de visitação.
- c) com o objetivo de esclarecer alguns aspectos cronológicos do processo histórico de formação do Estado e de suas bases econômicas, desde a época da colonização.
- d) como uma crônica baseada em aspectos históricos, em que se apresentam tópicos que salientam as formações geográficas do Estado.
- e) de maneira dissertativa, em que se discutem as várias divisões regionais do Estado com a finalidade de comprovar qual delas se apresenta como a mais bela.

Resposta: Letra A

Comentário: O primeiro parágrafo traz um pouco sobre a história do Estado; em seguida, o autor descreve as belezas naturais do lugar, mostrando ao leitor que se trata de um lugar bastante aprazível para o turismo, como se pode constatar pelas expressões "atraem os adeptos do ecoturismo. "; "voltado principalmente para o turismo religioso"; "oferece ainda um belíssimo panorama no Açude do Trairi. "

Questão 112

O dia em que o peixe saiu de graça

Uma operação do Ibama para combater a pesca ilegal na divisa entre os Estados do Pará, Maranhão e Tocantins incinerou 110 quilômetros de redes usadas por pescadores durante o período em que os peixes se reproduzem. Embora tenha um impacto temporário na atividade econômica da região, a medida visa preservá-la ao longo prazo, evitando o risco de extinção dos animais. Cerca de 15 toneladas de peixes foram apreendidas e doadas para instituições de caridade.

Época. 23 mar. 2009 (adaptado).

A notícia, do ponto de vista de seus elementos constitutivos,

- A apresenta argumentos contrários à pesca ilegal.
- B tem um título que resume o conteúdo do texto.
- C informa sobre uma ação, a finalidade que a motivou e o resultado dessa ação.
- D dirige-se aos órgãos governamentais dos estados envolvidos na referida operação do Ibama.
- E introduz um fato com a finalidade de incentivar movimentos sociais em defesa do meio ambiente.

Resposta: Letra C

Comentário: Embora seja um texto narrativo, porque narra um fato, note que o objetivo do autor - um jornalista - foi o de informar o fato ao leitor, o que justifica a resposta C como correta.



Atividade extra

A narração

Questão 1

Romildo gostava de sua escola por causa dos amigos. Lá ia todos os dias para encontrá-los e esquecer, nas brincadeiras, um pouco da dura vida que a pobreza lhe impunha. Instrução mesmo a sua escola quase não oferecia. Quando muito, havia professores; e a estrutura física do velho prédio não oferecia um ambiente propício à reflexão, aos estudos.

Três dias antes do aniversário de Romildo, apareceu um novo garoto pela vizinhança. Ele se mudou para uma das casas bonitas da Rua do Ramalhete. Não era um daqueles arrogantes da Zona Sul. Tanto que convidou os meninos da rua, inclusive Romildo e seus amigos para jogar uma pelada na quadra da escola em que estudava.

<http://portuguesproducao.blogspot.com.br/2008/03/exemplo-de-texto-narrativo-e.html>

Os textos narrativos apresentam elementos que tornam o entendimento de uma história comprehensível. Nesse texto, por exemplo, Há presença de personagem (Romildo); de foco narrativo é em 3^a. pessoa do discurso; de local (Rua do Ramalhete); de enredo (episódio ocorrido com Romildo).

Entre os trechos que seguem, a frase que apresenta características narrativas é:

- O ideal é que todos colaborem, caso contrário, o Brasil continuará sem rumo.
- Quando ocorreu a explosão, Rodrigo e Juliana estavam na sala.
- Minha casa tem dois andares, os quartos ficam na parte de cima.
- Ela tem olhos azuis e cabelos louros, nem parece brasileira.

Questão 2

Os dicionários de meu pai

Pouco antes de morrer, meu pai me chamou ao escritório e me entregou um livro de capa preta que eu nunca havia visto. Era o dicionário analógico de Francisco Ferreira dos Santos Azevedo. Ficava quase escondido, perto dos cinco grandes volumes do dicionário Caldas Aulete, entre outros livros de consulta que papai mantinha ao alcance da mão numa estante giratória. Isso pode te servir, foi mais ou menos o que ele então me disse, no seu falar meio grunhido. Era como se ele, cansado, me passasse um bastão que de alguma forma eu deveria levar adiante. E por um tempo aquele livro me ajudou no acabamento de romances e letras de canções, sem falar das horas em que eu o folheava à toa; o amor aos dicionários, para o sérvio Milorad Pavic, autor de romances-encyclopédias, é um traço infantil de caráter de um homem adulto.

http://www.chicobuarque.com.br/texto/artigos/mestre.asp?pg=artigo_piaui_junho.htm

Um texto pode ser organizado sob forma de descrição, narração, exposição, argumentação, por exemplo. No texto "Os dicionários de meu pai", qual é modo predominante de organização textual?

Leia os dois sonetos de Olavo Bilac, que fazem parte de um conjunto de poemas chamado "Via Láctea" para responder às questões 3 e 4.

XII

“

Sonhei que me esperavas. E, sonhando,
Saí, ansioso por te ver: corria...
E tudo, ao ver-me tão depressa andando,
Soube logo o lugar para onde eu ia.

E tudo me falou, tudo! Escutando
Meus passos, através da ramaria,
Dos despertados pássaros o bando:
"Vai mais depressa! Parabéns!" dizia.

Disse o luar: "Espera! Que eu te sigo:
Quero também beijar as faces dela!"
E disse o aroma: "Vai que eu vou contigo!"
E cheguei. E, ao chegar, disse uma estrela:
"Como és feliz! como és feliz, amigo,
Que de tão perto vais ouvi-la e vê-la!"

”

“

Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto
A via láctea, como um pállio aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Direis agora: "Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?"

E eu vos direi: "Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas".

<http://www.biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/OlavoBilac/vialactea.htm>

”

Questão 3

Existe alguma relação de conteúdo entre esses dois poemas? Por quê?

Questão 4

Em qual deles predomina o tipo textual denominado narração? Por quê?

Gabarito

Questão 1

- A B C D
-

Questão 2

O modo predominante de organização textual é a narração, porque há uma sequência de fatos apresentados, a presença de um narrador e de personagens, além de referência temporal.

Questão 3

Os poemas fazem referência ao luar, às estrelas, às constelações, à Via-Láctea. Há sentimentalismo em ambos os textos, sonho, fantasia e diálogos com estrelas.

Questão 4

Ambos são narrativos. Nos dois, há personagem, ação, tempo, espaço.

de características da cena, uma qualida-
de que é o texto descritivo.
Analisar, por exemplo, num
e, ouve, sente, percebe, conta a
num livro didático, numa revista de
relatório etc.

'Alguns elementos lingüísticos do Texto Descritivo

Texto do tipo descritivo tem como objetivo fazer com que o leitor ou
ouvirte "visualize" ou construa mentalmente um objeto, uma pessoa,
um ser, uma cena. Para isso, observe como a descrição se organiza:
uma sequência de frases e orações em que se destacam o que se
descreve (substantivos) e suas características (adjetivos e locuções
copiativas). Veja, no exemplo, como os adjetivos caracterizam a pa-
rrifada de Maria:

"Sua pele clara e seus cabelos lisos destacam um sorriso
tímido e tristonho."

O (adjetivo) é caracterizada com o adjetivo "clara";
o (adjetivo) apresentam os adjetivos "tímido" e "

A narração: os elementos linguísticos e tipos de discurso

Fascículo 3

Unidade 7

A narração: os elementos linguísticos e tipos de discurso

Para início de conversa...

Na unidade anterior, estudamos a narração: seu conceito, os elementos que a constituem e sua forma de estruturação.

Vimos também que os textos narrativos estão presentes em nossa vida diária, por meio das piadas, das notícias, dos contos infantis, das fábulas, dos quadrinhos, das histórias que contamos e ouvimos na rua, dentre outras manifestações.

Além disso, deixamos evidenciado que narrar faz parte da vida do ser humano, que deixa, por meio de suas histórias, registradas a sua cultura e as suas formas de ver o mundo, passando, de geração em geração, as manifestações de uma época e de uma sociedade.

Nesta unidade, vamos avançar no estudo dessa forma de expressão cultural e descobrir como os elementos narrativos - tempo, ambiente, personagens, ações, enredo - organizam-se e associam-se por meio da linguagem.

Para isso, vamos explorar duas outras manifestações culturais: a lenda e as piadas. Bom estudo e divirta-se!

Objetivos de aprendizagem

- Reconhecer os principais elementos e mecanismos linguísticos que constituem a narração: verbos, advérbios e expressões adverbiais, indicadores de tempo, sinais de pontuação.
- Aplicar os elementos e os mecanismos linguísticos de forma adequada em exercícios e na produção de textos.

Seção 1

Os elementos linguísticos e o texto narrativo

Para definirmos o que entendemos por elementos linguísticos e qual sua função, vamos nos colocar numa situação concreta e que faz parte da nossa vida.

Começamos a escrever um texto e de repente nos deparamos com questões, tais como:

Que palavras é melhor eu usar? Que termos eu posso usar para não ficar repetindo sempre as mesmas palavras? É melhor eu usar ponto ou vírgula nessa parte? Que expressões eu posso usar para unir uma frase à outra e um parágrafo ao outro para dar sequência ao texto?



Figura 1: Escrevendo...

Pois bem, questões como estas remetem exatamente ao que chamamos de elementos linguísticos e à noção de que palavras, frases, sinais de pontuação etc., precisam ser utilizados adequadamente e conectados entre si para que o texto que construímos tenha sentido e seja coerente.

Para entendermos isso melhor ainda, podemos fazer uma comparação com uma construção de um prédio. Este só vai existir a partir do momento em que tivermos um projeto e materiais à disposição (tijolo, madeira, ferro etc.), e que se unem para dar forma ao que foi projetado. Para estabelecermos a ligação, a fusão destes materiais entre

si, precisamos de elementos que os juntem, unam de forma sólida e adequada. Nesse caso, o cimento é um desses elementos de ligação.

No caso dos textos, ocorre o mesmo processo. Para se ter um texto, é necessário um projeto e matéria-prima para sua construção – as palavras, as frases, os sinais de linguagem, a pontuação, que se juntam, unem, articulam para dar forma aos textos.

Isso acontece com todos os tipos de texto e com o texto narrativo não poderia ser diferente. Contudo, cada tipo de texto tem suas especificidades, quanto ao uso e junção dos seus elementos linguísticos.

E é sobre as especificidades do texto narrativo que iremos tratar nesta unidade.

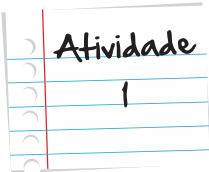
Para iniciarmos o nosso trabalho de exploração desses elementos específicos do texto narrativo, propomos a leitura do texto A Vitória Régia, que é uma lenda indígena que explica o surgimento da vitória régia, uma planta natural da Amazônia.



As lendas são narrativas de natureza fantasiosa e fictícia, transmitidas pela tradição oral aos povos ao longo do tempo. As lendas contam histórias pela combinação da realidade e da imaginação. Podemos dizer que elas têm sua origem nos mitos e apresentam explicações para fenômenos e acontecimentos misteriosos e sobrenaturais para os quais não se tem explicações científicas comprovadas. As lendas integram o folclore de um povo e acabam tendo fortes componentes regionais. No Brasil, algumas das lendas e mitos folclóricos mais conhecidos são a do Saci-Pererê, do Boitatá, da Mula-sem-cabeça.



Figura 2: Uma flor da vitória-régia



A Vitória-Régia	
01	Corre entre o povo da Amazônia uma história muito contada pelos
02	pajés tupis-guaranis.
03	Eles diziam que, no início dos tempos, a Lua escondia-se no hori-
04	zonte para viver com suas virgens prediletas. Contavam também que, se
05	a Lua gostasse de uma jovem, imediatamente a transformava em uma es-
06	trela do Céu.
07	A filha de um chefe e princesa da tribo, chamada Naiá, sempre fi-
08	cava muito impressionada com a história que era contada. Durante mui-
09	to tempo, todas as noites, quando todos dormiam e a Lua andava pelo
10	céu, ela, subia as colinas e perseguia a Lua na esperança que esta a visse e
11	transformasse-a em estrela. Porém, a Lua parecia não notá-la e Naiá chorar-
12	va e seus soluços de tristeza podiam ser ouvidos ao longe.
13	Certa noite, a índia viu, nas águas límpidas de um lago, a figura da
14	Lua. A pobre moça, imaginando que a Lua havia chegado para buscá-la,
15	atirou-se nas águas profundas do lago e nunca mais foi vista.
16	A Lua quis recompensar o sacrifício da bela jovem e resolveu trans-
17	formá-la em uma estrela diferente. Transformou-a então numa "Estrela das
18	Águas", que é conhecida como a planta Vitória Régia, que tem flores per-
19	fumadas e brancas que só se abrem à noite.

Texto adaptado <http://www.fabulasecontos.com.br/?pg=descricao&id=188>

1. A expressão "ela" (linha 10) aponta para que personagem da história?

2. O termo "eles" (linha 03) refere-se a que outro personagem da história?

3. Associe os personagens com as ações por eles realizadas.

a. pajés tupis-guaranis

b. Lua

c. Naiá

() ficava

() diziam

Atividade

1

- () andava
- () se escondia
- () a transformava
- () contavam
- () subia
- () perseguia
- () chorava

4. a. Retire do texto as expressões presentes no 3º parágrafo que situam no tempo as ações dos personagens:

a.1: "ficava muito impressionada".

a.2: "ela subia as colinas e perseguia a Lua na esperança de que esta a visse e a transformasse em estrela".

b. As expressões que você retirou do texto indicam que as ações dos personagens se repetiram várias vezes ao longo do tempo ou aconteceram uma única vez num determinado dia?

5. No 4º e 5º parágrafos, são utilizados os verbos *viu, atirou, foi (vista), quis, resolveu, transformou*.

a. Que tempo eles indicam: presente, passado ou futuro?

b. Com que expressões de tempo eles estão associados?

c. Os verbos mencionados e as expressões de tempo utilizadas indicam que as ações dos personagens repetiram-se várias vezes ou aconteceram uma única vez?

Above suas
respostas em
seu caderno

Pelo que foi solicitado nas questões, você deve ter percebido que existem palavras e expressões que predominam no texto narrativo.

Vamos, nas próximas seções, apresentar cada um desses elementos e sua associação com os elementos da narração.

Seção 2

Os substantivos e pronomes

Conhecemos os personagens numa narração a partir da forma como os nomeamos e como os retomamos no texto. Fazemos isso, utilizando o que, na gramática, chamamos de substantivos e pronomes. Na lenda sobre a vitória régia, na atividade anterior, aparecem palavras, como: Naiá, moça, pajés, Lua que são consideradas substantivos e têm a função de nomear os personagens do texto.

Quando precisamos retomar ou referir-nos a eles, sem termos de usar os seus nomes, podemos utilizar os pronomes. O pronome *ela* (linha 10), por exemplo, retoma a personagem *Naiá*; o pronome *eles* (linha 03) retoma os *pajés tupi-guaranis*.

Definindo esses elementos, temos, então que:



- Substantivos são palavras que nomeiam os seres. Estes seres podem ser pessoas, personagens, objetos, lugares, sentimentos, etc.
- Pronomes são palavras que retomam ou referem-se a outros termos já mencionados no texto.

Os pronomes referem-se sempre às pessoas do discurso, ou seja,

- quem fala (eu, nós);
- para quem se fala (tu, vós);
- e de quem ou do que se fala (ele, eles, ela, elas).

Estes são os chamados pronomes pessoais retos: Eu, tu, ele, nós , vós, eles.

Importante

Aos pronomes pessoais, associam-se outras formas de pronomes, como os pronomes possessivos que indicam posse. Por exemplo, quando dizemos: "Este é **meu** caderno", a palavra **meu** é um pronome que indica de quem é a posse desse material.

E quando dizemos: "Fazia muito tempo que não via a Carla. Outro dia a encontrei, sem querer, no shopping", o termo destacado – **a** – é um pronome e indica que eu encontrei alguém e este alguém foi a Carla.

No quadro a seguir, apresentamos essas formas.

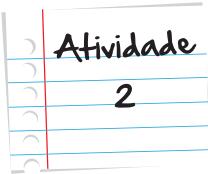
Eu	Meu(s), minha(s), me, mim, comigo
Tu	Teu(s), tua(s), te, ti, contigo
Ele/ela	Seu(s), sua(s), dele, dela, se, consigo
Nós	Nosso(s), nossa(s), nos, conosco
Vós	Vosso(s), vossa(s), vos, convosco
Eles/Elas	Seu(s), sua(s), deles, delas, se, consigo

Além dos pronomes pessoais, existem também outros tipos de pronomes:

- os pronomes demonstrativos – este(s), esta(s), aquele(s), aquela(s), isso, isto
- os pronomes de tratamento - Vossa Senhoria, Senhor, Vossa Excelêcia
- os pronomes relativos – que, qual, quais, cujo(s), cui(a), onde etc.
- os pronomes interrogativos – quem? Onde? Qual? Quando? etc.
- os pronomes indefinidos: tudo, nada, ninguém, todos, alguém, etc.

Se você estiver interessado em se aprofundar no assunto, consulte uma Gramática ou um site, como <http://www.brasilescola.com/gramatica/>

Saiba Mais



No trecho da lenda urbana **O homem do saco**, retire os pronomes pessoais e indique a qual outro(s) termo(s) do texto eles se referem.

"Esta é uma lenda surgida entre os mendigos que vagam em todas as cidades. As mães contam-na para assustar os seus filhos malcriados que saem para brincar sozinhos na rua. De acordo com ela, um velho malvestido e com um enorme saco de pano nas costas anda pela cidade, levando embora as crianças que fazem "arte". Há ainda versões mais detalhadas em que o velho (mendigo ou cigano) leva as crianças para sua casa e lá faz sabonetes e botões com elas."

(<http://blog.maisestudo.com.br> - texto adaptado)

Por exemplo: veja que, na frase: "As mães contam-na..." aparece o pronome "a", que se refere ao substantivo "lenda". Assim:

(n)a (contam) – o "a" refere-se à lenda.

Agora é a sua vez. Busque os outros pronomes conforme o exemplo.

Above suas
respostas em
seu caderno

Para finalizar esta seção, é importante ressaltar que o uso dos substantivos e dos pronomes é de fundamental importância no texto narrativo, na medida em que, por meio deles, sabemos quem são os personagens e como eles podem ser retomados ou mencionados no texto.

Seção 3

Os verbos e os tempos verbais

Agora que já vimos que podemos identificar os personagens num texto, por meio do uso dos substantivos e dos pronomes, vamos explorar como as ações que constituem o enredo de um texto efetivam-se.

Estas ações são conhecidas pelo leitor a partir do uso dos *verbos* e num tempo específico: o passado.

Mas o que são verbos afinal?

Os verbos são palavras que indicam:

- - ações feitas ou sofridas por alguém (correr, passear etc.) Ex.: Ele corre muito.
- - fenômenos da natureza (chover, nevar, ventar etc.) Ex.: Choveu ontem.
- - estados (ser, estar). Ex.: Ela está feliz.
- - mudanças de estado (ficar, tornar-se). Ex.: Ele *ficou* chateado.



Os verbos são termos essenciais nos enunciados. E no caso do texto narrativo, especialmente os verbos de ação, são fundamentais para o estabelecimento da progressão da história e constituição do enredo.

E como saber em que tempo essas ações, fenômenos e estados aconteceram ou acontecerão?

É fácil! É só olhar o verbo e ver o tempo que a palavra mostra. Por exemplo, na frase: "Ela *foi* ao lago" – A forma do verbo mostra que o tempo verbal é passado (pretérito). Se fosse: "Ela *irá* ao lago" – A forma do verbo mostraria que é futuro.

Veja agora como, no texto A Vitória Régia, o verbo transformar indica uma ação e assume diversas formas: "transformava" (linha 04), "transformá-la" (linha 14) e "transformou" (linha 14). As modificações no verbo servem para mostrar o tempo em que a ação de "transformar" aconteceu.

Para saber mais e ampliar o estudo sobre verbos e os tempos do pretérito, sugerimos que você consulte alguns sites sobre o assunto:

- 1.<https://www.algosobre.com.br/gramatica/verbo-preterito.html>
- 2.<http://www.infoescola.com/portugues/modo-indicativo/>
3. <http://www.recantodasletras.com.br/gramatica/1581621>



Nesta unidade, vamos explorar os verbos no pretérito, no pretérito, isto é, que estão no tempo passado, pois eles são a grande marca do texto narrativo. Isso não significa que os outros tempos e formas verbais não estejam presentes no texto narrativo. Contudo é nos pretéritos que está a ênfase deste tipo de texto, já que só se conta aquilo que já aconteceu, não é? Mesmo quando inventamos uma história, ela já aconteceu em nossa imaginação. Daí, nas

narrativas, predominarem os verbos no pretérito.

Você lembra que existem diversos pretéritos: perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito? Por que será?

Bom, primeiro isso se justifica porque nem tudo aconteceu no passado num mesmo tempo. Veja os exemplos:

1. Certa noite, a índia viu, nas águas límpidas de um lago, a figura da Lua.

Aqui, a ação de ver ocorreu num determinado momento bem determinado do passado.



Quando apontamos ações, fenômenos e estados acontecidos em um determinado momento no passado e que só se realizaram de uma determinada forma uma única vez, temos o que chamamos de pretérito perfeito.

2. Os pajés tupis-guaranis diziam que, no início dos tempos, a Lua escondia-se no horizonte.

Aqui, o narrador conta algo que acontecia no passado rotineiramente sem determinar um momento exato em que ocorreu.



Quando queremos marcar ações que se repetiam ou eram rotina no passado, usamos o pretérito imperfeito.

3. A pobre moça, imaginando que a Lua havia chegado (chegara) para buscá-la, atirou-se nas águas profundas do lago.

Neste trecho, tem-se como sequência dos fatos no tempo: 1º) a imaginação da índia, quanto à chegada da Lua, e 2º) a ação de ela atirar-se no lago. Ou seja, ela se atirou no lago porque acreditou que a Lua havia chegado para buscá-la.



Se quisermos marcar que uma ação no passado ocorreu antes de outra também no passado, temos o pretérito mais-que-perfeito.

O uso adequado dos pretéritos no texto narrativo é fundamental, pois é por meio deles que sabemos:

- como era o ambiente onde a história aconteceu;
- como era a rotina e o estado dos personagens;
- o que aconteceu e em que sequência.

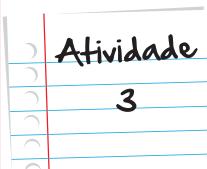
No primeiro caso, para a *contextualização da história* – caracterização do tempo, do espaço, do estado e rotinas dos personagens, o *pretérito imperfeito* é o tempo verbal apropriado. O pretérito imperfeito está presente nas descrições que funcionam como o pano de fundo para o que está sendo contado. O trecho “*Eles diziam que, no início dos tempos, a Lua escondia-se no horizonte para viver com suas virgens prediletas.*” exemplifica isso.

Já, para conhecermos a *sequência das ações na narrativa*, o *pretérito perfeito* e o *mais-que-perfeito* são essenciais porque eles determinam a ordem que essas ações aconteceram no passado.

O pretérito perfeito e o pretérito mais-que-perfeito marcam a progressão da história – ou seja, constituem o próprio exercício narrativo. Vemos isso no trecho:

Certa noite, a índia *viu* (...) a figura da Lua. A pobre moça, imaginando que a Lua *havia chegado* para buscá-la, *atirou-se* nas águas profundas do lago.

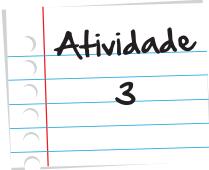
Preencha as lacunas das fábulas a seguir com os verbos entre parênteses no pretérito (perfeito, imperfeito ou mais-que-perfeito) adequadamente. Observe a utilização dos pretéritos para estabelecer a contextualização e sequência das ações da história e a concordância verbal adequada.



O cão e a ovelha

Um cão-se (por) a discutir com uma ovelha, dizendo que lhe(haver) emprestado um belo osso para evitar que morresse de fome. A ovelha (responder) que nunca lhe (pedir) emprestada coisa alguma, e ainda menos ossos, pois nem seus dentes nem seu estômago (aceitar) este tipo de alimento, pois (ser) herbívora e não carnívora.

Mas, pobre dela! O cão (achar) como testemunha um lobo, um urubu e um gavião. Os três se(associar) ao cão e(jurar) ter visto a ovelha receber o osso do cão e(afirmar) que a (ver) roê-lo faminta. Com esse testemunho, ela, então,(ser) condenada.



MORAL: Por mais razão que tenhas, fuja de brigas; contra o pobre, o rico e o poderoso nunca falta apoio de testemunhas corruptas capazes de tudo.

<http://www.fabulasecontos.com.br> Texto adaptado

Seção 4

As expressões temporais (advérbios e expressões adverbiais)

Vamos avançar, agora, nas formas de articulação dos fatos numa história.

Para podermos marcar a articulação entre as partes de uma história e constituir o enredo e a sequenciação das ações no texto, é necessário que utilizemos palavras e expressões que indiquem as circunstâncias em que ocorreram as ações. A essas palavras e expressões chamamos de ADVÉRBIOS e EXPRESSÕES ADVERBIAIS. Elas podem atribuir noções de tempo, de modo, de lugar, intensidade às ações e fatos que estamos contando. Veja, por exemplo:

- Advérbios de Tempo: cedo, tarde, no início da manhã, no final, sempre, nunca etc.
 - Advérbios de Modo: Calmamente, nervosamente, ansiosamente, rapidamente etc.
 - Advérbios de Lugar: ao longe, perto, em cima, no horizonte, lá, aqui etc.
 - Advérbios de Intensidade: muito, pouco, demais, bastante

Para exemplificar melhor, vamos retomar o texto A Vitória Régia e as respostas que você deu às questões. Você viu que, no segundo e terceiro parágrafos do texto, foram usados predominantemente verbos no pretérito imperfeito – *diziam, contavam, escondia, dormiam, subia* – e associados a eles havia expressões como: *no início dos tempos do mundo, sempre, quando todos dormiam, todas as noites, durante muito tempo*.

Pois bem! Estas expressões indicam uma duração de tempo mais longa e que abrange períodos de tempo maiores.

Quando, no entanto, iniciamos o relato dos fatos propriamente dito com a utilização dos verbos no pretérito perfeito – *viu, quis, resolveu, transformou* – as expressões que se associam para dar conta disso são aquelas que indicam tempos mais exatos, pontuais e que indicam uma duração menor no tempo – *certa noite, então*.

Todas essas palavras e expressões são advérbios e expressões adverbiais. Veja outros (as) no texto: *no horizonte, ao longe, sempre, no início dos tempos, quando todos dormiam...*

Para aplicar as noções até aqui construídas sobre os verbos e as expressões adverbiais, a seguir você encontra uma versão popular da lenda O Negrinho do Pastoreio, cujas partes foram tiradas da ordem original.

Cabe a você, depois de ler cada uma das partes, reconstituir a ordem do texto de forma correta, numerando-as de 1 a 7. Observe as palavras que estabelecem a conexão entre cada uma das partes e a sequenciação do texto e sublinhe aquelas que você julga terem essa função.

- () Num dia de inverno, fazia muito frio e o fazendeiro mandou que um menino negro de quatorze anos fosse pastorear cavalos e potros recém-comprados.
- () Na volta à estância, o patrão, ainda mais irritado, espancou o garoto e amarrou-o, nu, sobre um formigueiro.

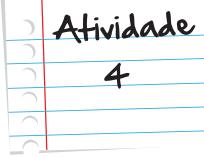
O Negrinho do Pastoreio é uma lenda com origem africana e cristã. Ela foi muito contada no final do século passado pelos brasileiros que defendiam o fim da escravidão. É muito popular no sul do Brasil. Sua origem data do final do século XIX e nasceu no Rio Grande do Sul.



Saiba Mais

Atividade

4

Atividade
4

- () Ao lado dele, a Virgem Nossa Senhora e, mais adiante, o baio e os outros cavalos. O estancieiro jogou-se no chão pedindo perdão, mas o negrinho nada respondeu. Apenas beijou a mão da Santa, montou no baio e partiu, conduzindo a tropilha.
- () No dia seguinte, quando ele foi ver o estado de sua vítima, ficou extremamente assustado. O menino estava lá de pé, com a pele sem nenhuma marca das chicotadas.
- () No final do tarde, quando o menino voltou, o estancieiro disse que faltava um cavalo baio. Pegou o chicote e deu uma surra tão grande no menino que ele ficou sangrando. Forçou, então, o menino a resgatar o cavalo. Muito preocupado, ele foi à procura do animal.
- () Nos tempos da escravidão, havia um estancieiro malvado que gostava de maltratar os negros e os peões que viviam na fazenda.
- () Em pouco tempo, achou-o pastando. Laçou-o, mas a corda partiu-se e o cavalo fugiu de novo.


Anote suas
respostas em
seu caderno

Seção 5

Os Discursos na Narração

Você lembra que, na unidade anterior, mencionamos que o narrador escolhe a forma como quer fazer chegar a história ao leitor-ouvinte? Pois bem, ele faz isso pela utilização dos discursos, ou seja, pela forma como apresenta as falas e pensamentos das personagens.

Vamos ler uma adaptação de uma piada bem conhecida e ver como isso acontece.

Bancando os espertos

Num determinado dia, dois meninos foram ao campo e, por um valor irrisório, compraram um porco de um velho camponês. O homem combinou entre-gar-lhes o animal no dia seguinte. Mas, quando eles voltaram para levar o porco, o camponês lhes disse:

— Eu lamento muito, mas tenho uma má notícia. O porco já era. Ele morreu ontem.

— Então, por favor, devolva-nos o dinheiro!

— Não posso, já gastei todo o dinheiro.

— Não importa, de qualquer forma, queremos o porco.

— E para que o querem? O que vão fazer com ele?

— Nós vamos fazer uma rifa com ele.

— Estão loucos? Como vão rifar um porco morto?

— É evidente que não vamos dizer a ninguém que ele está morto.

Algum tempo passou-se e o camponês encontrou-se novamente com os garotos e perguntou-lhes:

— E então, o que aconteceu com o porco?

— Como já lhe dissemos, rifamos o porco. Vendemos muitos números a 5 reais cada e arrecadamos o triplo do dinheiro que pagamos ao senhor.

— E ninguém se queixou?

— Só o ganhador, porém lhe devolvemos os 5 reais e tudo foi resolvido.

(Texto elaborado especialmente para este material)





Saiba Mais

As piadas são textos narrativos curtos que contam fatos e acontecimentos engraçados, envolvendo situações de mal-entendidos, de não entendimento de certos raciocínios e lógicas, de percepções ingênuas sobre a realidade; enfim, situações que envolvem a natureza humana e as peculiaridades dos diversos tipos humanos. Nesse sentido, há piadas para todos os gostos e envolvendo os mais diversos grupos humanos: de loiras, de escola, do Joãozinho, de sogras, de portugueses etc. As piadas têm o objetivo de divertir e fazer rir.

Na mesma direção, encontram-se as anedotas, com a diferença de que estas últimas normalmente são mais extensas e trazem algum ensinamento.

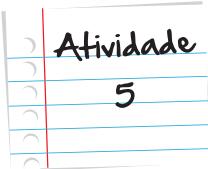
Para conhecer mais sobre a diversidade de piadas que existem, consulte os sites:

www.piadas.com.br

www.piadasnet.com

www.piadasdodia.com.br

piadasantigasenovas.blogspot.com



Responda às questões:

1. Que história é contada na piada?
2. Como ficamos sabendo o que aconteceu com o porco? Pela voz do narrador ou do próprio personagem?

Anote suas
respostas em
seu caderno

No texto analisado, temos uma história de dois meninos que, após serem enganados por um velho camponês, elaboram um plano para tirar vantagem da situação. A história passa-se no campo (ambiente, lugar). O narrador não participa da história, mas contextualiza as ações dos personagens, que, por meio das suas falas, acabam levando o leitor a saber o que aconteceu com eles.

A utilização do discurso a que chamamos de **direto**, onde aparecem as falas das personagens, é uma forma de contar histórias que é muito frequente em piadas, anedotas, crônicas, testemunhos e depoimentos.

Mas existem outros **tipos de discurso** e que são utilizados de acordo com a adequação à situação e objetivos que se tem.

Eles podem ser de três tipos: direto, indireto e indireto livre.

- a. **discurso direto:** é aquele em que o narrador passa a palavra aos personagens. Assim, o próprio personagem, diante de leitores ou ouvintes, apresenta-se, com sua linguagem, suas emoções, sua personalidade. Foi o que vimos na piada *Bancando os espertos*, onde, conforme já dito, os personagens – os meninos – pela sua voz associada ao do narrador, contam o que aconteceu e como saíram ganhando da situação.

Neste tipo de discurso, aparecem os famosos verbos “dicendi”, que introduzem ou seguem a fala dos personagens. São alguns deles: dizer, perguntar, reclamar, afirmar, declarar etc.

- b. **discurso indireto:** é aquele em que o narrador como que traduz a fala ou o pensamento do personagem. A preocupação do narrador não é apresentar como o personagem disse as coisas, mas apenas o que foi dito. Nesse caso, o vocabulário próprio do personagem, suas emoções ficam de fora.

Como exemplo, temos “*Os meninos contaram que tinham feito a rifa e que conseguiram lucrar com ela.*” Nesse caso, o narrador toma as palavras dos meninos e reproduz-as de forma direta e objetiva.

- c. **discurso indireto livre:** é aquele em que se mistura o discurso do narrador e a fala ou pensamento do personagem. Por isso, encontramos nesse discurso algumas características das personagem, seu vocabulário e emoções.

Para exemplificar, vamos tomar o seguinte trecho:

Eduardo saiu de casa sem saber como deveria agir. Estava extremamente ansioso pelo encontro com sua ex-namorada. **Meu Deus! Quanto tempo se passou! Será que ela vai ainda me achar atraente?** Enquanto caminhava, ia relembrando o quanto fora feliz com aquela mulher...,

Neste exemplo, percebe-se, nas frases em destaque, a presença do discurso do personagem, que manifesta sua emoção e ansiedade com o encontro com sua ex-namorada. Esses sentimentos não são contados pelo narrador e sim, pelo próprio personagem. Vemos isso no uso da expressão *Meu Deus* e pela pergunta que Eduardo faz a si mesmo.

Seção 6

A pontuação nos discursos das narrativas

A estruturação desses discursos, os sinais de pontuação são essenciais. Vamos aprender como utilizá-los?

No caso do discurso direto, onde aparecem as falas dos personagens, o uso dos travessões, dos dois pontos, das interrogações e exclamações são fundamentais e têm uma função de articulação e construção de sequência e de sentido. Nesse sentido, deixam de ser vistos apenas como sinais formais de transcrição da fala.

O travessão (-)

Tem a função de indicar a fala do personagem ou a mudança de interlocutor no diálogo. Por exemplo:

"Algum tempo passou-se e o camponês encontrou-se novamente com os garotos e perguntou-lhes:

– E então, o que aconteceu com o porco?"

Além disso, pode servir para colocar em evidência palavras, expressões e frases. Um exemplo disso pode ser visto em "O acidente – e que acidentel – deixou muitos mortos e vários feridos."

Os dois pontos (:)

São usados para anunciar:

1. a fala dos personagens numa narrativa.

Exemplo:

"... o camponês disse-lhes:

- Lamento muito, mas tenho uma má notícia: o porco já era. Ele morreu ontem."

2. uma enumeração.

Exemplo:

"Foi ao supermercado e comprou os seguintes produtos: farinha, chocolate, carne, verduras etc."

3. uma citação.

Exemplo:

"Nunca consegui esquecer do verso do famoso escritor Camões : "o amor é fogo que arde sem doer".

Os pontos de interrogação (?) e de exclamação (!)

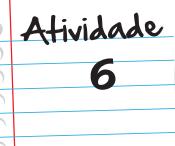
São sinais que marcam a expressividade no texto. O ponto de interrogação tem a função de marcar perguntas e questionamentos; os de exclamação marcam a manifestação de admiração, espanto, alegria, emoção dos interlocutores.

Exemplo:

- “– Estão loucos? Como vão rifar um porco morto?”
- “Não acredito! Vocês esqueceram meu aniversário!”
- “Socorro!”

Vamos tentar exercitar o uso desses sinais de pontuação?

Foram retirados os sinais de pontuação dos textos a seguir e cabe a você reescrevê-los, em seu caderno, colocando os sinais de pontuação (ponto final, travessão, dois pontos, pontos de interrogação e exclamação) adequados para a construção do sentido. Não se esqueça de utilizar as letras maiúsculas no início de cada frase.



Texto 1

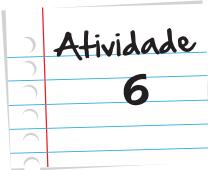
Dois amigos encontram-se depois de muito anos e um deles fala casei separei e já fizemos a partilha dos bens o outro amigo pergunta e as crianças prontamente o primeiro disse o juiz decidiu que ficariam com aquele que mais bens recebeu sem titubear o amigo pergunta então ficaram com a mãe o amigo separado exclama não, ficaram com nosso advogado.

Texto 2

Um homem e uma bonita mulher estavam jantando à luz de velas num restaurante de luxo de repente o garçom notou que o homem escorregava lentamente para debaixo da mesa a mulher parecia não reparar que o companheiro tinha desaparecido perdão, senhora disse o garçom mas eu acho que seu marido está debaixo da mesa a mulher responde não está não e olhando calmamente para o garçom afirma meu marido acabou de entrar no restaurante.

Produção de texto

Nesta unidade, você teve a oportunidade de estudar mais sobre diferentes gêneros que se utilizam da narração, como as lendas e as piadas. Estes gêneros também integram e expressam diversas formas culturais e fazem parte do nosso dia a dia.



Atividade 6

Agora é sua vez de manifestar um pouco da sua cultura. Escolha um *fato folclórico, misterioso ou sobrenatural* que seus pais, avós, tios ou idosos da sua comunidade e região contavam, e contam ainda hoje, e elabore um texto narrativo relatando esses fatos.

Não se esqueça de estruturar seu texto de acordo com o que se estudou e de utilizar os verbos, as expressões temporais, a pontuação de forma adequada. Faça um plano de texto, antes de iniciar a escrita. Insira a fala dos personagens, utilizando discurso direto para dar vivacidade e colorido à narrativa.

Seu texto deve ter em torno de 30 linhas.

Bom trabalho!

Above suas
respostas em
seu caderno

Veja ainda

1. As lendas fazem parte de nossa cultura. Conheça outras histórias de nosso folclore. Pesquise em:

- <http://www.suapesquisa.com/mitos/>
- <http://www.fabulasecontos.com.br/?pg=descricao&id=188>
- www.brasilfolclore.hpg.ig.com.br/lendas.htm

2. Você já ouviu falar das lendas urbanas, que “povoam” o imaginário das cidades, passadas de boca em boca.

São situações de suspense e de horror, quase sempre.

São histórias que ouvimos de um amigo, que ouviu de outro amigo que...

Pesquise:

- [www.mrmalas.com/lendas;](http://www.mrmalas.com/lendas)
- vultosnanoite.vilabol.uol.com.br/lendas.htm

Referências

Imagens



- Acervo pessoal • Sami Souza



- <http://www.sxc.hu/photo/492145>



- http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Vit%C3%B3ria_R%C3%A9gia.jpg



- Autor: jakared.<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Negrinhodopastoreio.jpg>



- <http://www.sxc.hu/photo/1344320>



- <http://www.sxc.hu/photo/517386>

Atividade 1

1. A expressão “ela” (linha 10) aponta para que personagem da história?

“Ela” - refere-se à Naiá.

2. O termo “eles” (linha 03) refere-se a que outro personagem da história?

“Eles” - refere-se aos pajés tupis-guaranis.

3.

a. pajés tupis-guaranis

b. Lua

c. Naiá

(c) ficava

(a) diziam

(b) andava

(b) se escondia

(b) a transformava

(a) contavam

(c) subia

(c) perseguia

(c) chorava

4.

a. ...Sempre..... “ficava muito impressionada”. (linhas 06 e 07)

Durante muito tempo, todas as noites, quando todos dormiam “ela subia as colinas e perseguia a Lua na esperança de que esta a visse e a transformasse em estrela”. (linhas 07,08 e 09)

b. (x) repetiram-se várias vezes ao longo do tempo.

5.

- a. () Presente (x) Passado () Futuro
- b. Com que expressões de tempo eles estão associados?

Viu – atirou - quis- resolveu - Certa noite

foi (vista) - nunca mais

transformou - então

- c. (x) aconteceram uma única vez.

**Respostas
das
Atividades**

Atividade 2

Esta é uma lenda surgida entre os mendigos que vagam em todas as cidades. As mães contam-na para assustar os seus filhos malcriados que saem para brincar sozinhos na rua. De acordo com ela, um velho malvestido e com um enorme saco de pano nas costas anda pela cidade, levando embora as crianças que fazem "arte". Há ainda versões mais detalhadas em que o velho (mendigo ou cigano) leva as crianças para sua casa e lá faz sabonetes e botões com elas.

(n)a (contam) – a lenda

seus (filhos) – da mãe

(com) ela – com a lenda

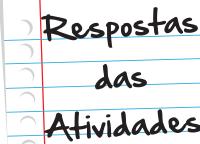
sua (casa) – do velho

(com) elas – as crianças

Atividade 3

O cão e a ovelha.

Um cão pôs- se a discutir com uma ovelha, dizendo que lhe havia emprestado um belo osso para evitar que morresse de fome. A ovelha respondeu que nunca lhe pedira emprestada coisa alguma, e ainda menos ossos, pois nem seus dentes nem seu estômago aceitavam este tipo de alimento, pois era herbívora e não carnívora.

**Respostas
das
Atividades**

Mas, pobre dela! O cão achou como testemunha um lobo, um urubu e um gavião. Os três se associaram ao cão e juraram ter visto a ovelha receber o osso do cão e afirmaram que a viram roê-lo faminta. Com esse testemunho, ela, então, foi condenada.

Atividade 4

Ordenação dos parágrafos do texto: 2, 5, 7, 6, 3, 1, 4

Texto: **O Negrinho do Pastoreio**

Nos tempos da escravidão, havia um estancieiro malvado que gostava de maltratar os negros e os peões que viviam na fazenda.

Num dia de inverno, fazia muito frio e o fazendeiro mandou que um menino negro de quatorze anos fosse pastorear cavalos e potros recém-comprados.

No final do tarde, quando o menino voltou, o estancieiro disse que faltava um cavalo baio. Pegou o chicote e deu uma surra tão grande no menino que ele ficou sangrando. Forçou, então, o menino a resgatar o cavalo. Muito preocupado, ele foi à procura do animal.

Em pouco tempo, achou-o pastando. Laçou-o, mas a corda se partiu e o cavalo fugiu de novo.

Na volta à estância, o patrão, ainda mais irritado, espancou o garoto e o amarrou, nu, sobre um formigueiro.

No dia seguinte, quando ele foi ver o estado de sua vítima, ficou extremamente assustado. O menino estava lá de pé, com a pele sem nenhuma marca das chicotadas.

Ao lado dele, a Virgem Nossa Senhora, e mais adiante o baio e os outros cavalos. O estancieiro se jogou no chão pedindo perdão, mas o negrinho nada respondeu. Apenas beijou a mão da Santa, montou no baio e partiu conduzindo a tropilha.

Texto adaptado <http://www.fabulasecontos.com.br/?pg=descricao&id=188>

Atividade 5

Responda às questões:

1. A história é a de dois meninos que, depois de enganados por um velho camponês na compra de um porco, resolvem rifá-lo mesmo estando morto.

2. Tomamos conhecimento do que aconteceu com o porco por meio da fala dos personagens . Sabemos que o porco morreu quando o velho camponês fala :..o porco já era. Ele morreu ontem à noite.) e que o porco foi rifado quando os meninos dizem: como já lhe dissemos, rifamos o porco.

**Respostas
das
Atividades**

Atividade 6

Resposta Pessoal. Sugerimos que você peça ao seu professor para avaliar o seu texto.

Texto 1

Dois amigos encontram-se depois de muito anos e um deles fala:

— Casei, separei e já fizemos a partilha dos bens.

O outro amigo pergunta:

— E as crianças?

Prontamente, o primeiro diz:

— O juiz decidiu que ficariam com aquele que mais bens recebeu.

Sem titubear o amigo pergunta:

— Então ficaram com a mãe?

O amigo que iniciou a conversa exclama:

— Não, ficaram com nosso advogado!

<http://www.piadasnet.com/piada1938curtas.htm> (texto adaptado)

Texto 2

Um homem e uma bonita mulher estavam jantando à luz de velas num restaurante de luxo. De repente o garçom notou que o homem escorregava lentamente para debaixo da mesa. A mulher parecia não reparar que o companheiro tinha desaparecido.

— Perdão, senhora - disse o garçom -, mas eu acho que seu marido está debaixo da mesa.

A mulher responde:

— Não está não!

E olhando calmamente para o garçom afirma:

— Meu marido acabou de entrar no restaurante.

<http://www.piadasnet.com/> (texto adaptado)

O que perguntam por aí?

ENEM 2010

Questão 113

Machado de Assis

Joaquim Maria Machado de Assis, cronista, contista, dramaturgo, jornalista, poeta, novelista, romancista, crítico e ensaísta, nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 21 de junho de 1839. Filho de um operário mestiço de negro e português, Francisco José de Assis, e de D. Maria Leopoldina Machado de Assis, aquele que viria a tornar-se o maior escritor do país e um mestre da língua, perde a mãe muito cedo e é criado pela madrasta, Maria Inês, também mulata, que se dedica ao menino e o matricula na escola pública, única que frequentou o autodidata Machado de Assis.

Disponível em: <http://www.passeiweb.com>. Acesso em: 1 maio 2009.

Considerando os seus conhecimentos sobre os gêneros textuais, o texto citado constitui-se de

- A** fatos ficcionais, relacionados a outros de caráter realista, relativos à vida de um renomado escritor.
- B** representações generalizadas acerca da vida de membros da sociedade por seus trabalhos e vida cotidiana.
- C** explicações da vida de um renomado escritor, com estrutura argumentativa, destacando como tema seus principais feitos.
- D** questões controversas e fatos diversos da vida de personalidade histórica, ressaltando sua intimidade familiar em detrimento de seus feitos públicos.
- E** apresentação da vida de uma personalidade, organizada sobretudo pela ordem tipológica da narração, com um estilo marcado por linguagem objetiva.

Resposta: Letra E

Comentário: As biografias também são textos narrativos.

Questão 116

Os filhos de Ana eram bons, uma coisa verdadeira e sumarenta. Cresciam, tomavam banho, exigiam para si, malcriados, instantes cada vez mais completos. A cozinha era enfim espaçosa, o fogão enguiçado dava estouros. O calor era forte no apartamento que estavam aos poucos pagando. **Mas** o vento batendo nas cortinas que ela mesma cortara lembrava-lhe que se quisesse podia parar e enxugar a testa, olhando o calmo horizonte. Como um lavrador. Ela plantara as sementes que tinha na mão, não outras, **mas** essas apenas.

LISPECTOR, C. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

A autora emprega por duas vezes o conectivo **mas** no fragmento apresentado. Observando aspectos da organização, estruturação e funcionalidade dos elementos que articulam o texto, o conectivo **mas**

- A** expressa o mesmo conteúdo nas duas situações em que aparece no texto.
- B** quebra a fluidez do texto e prejudica a compreensão, se usado no início da frase.
- C** ocupa posição fixa, sendo inadequado seu uso na abertura da frase.
- D** contém uma ideia de sequência temporal que direciona a conclusão do leitor.
- E** assume funções discursivas distintas nos dois contextos de uso.

Resposta: Letra E

Comentário: O uso correto dos conectivos é fundamental para a coesão de um texto.



Atividade extra

A narração: os elementos linguísticos e tipos de discurso

Leia os textos para responder às questões 1 e 2

“

Perto do coração selvagem

Devagar veio vindo o pensamento. Sem medo, não cinzento e choroso como viera até agora, mas nu e calado embaixo do sol como a areia branca. Papai morreu. Papai morreu. Respirou vagarosamente. Papai morreu. Agora sabia mesmo que o pai morrerá."

(Clarice Lispector)

”

“

A terceira margem do rio

(...) "Ele só retornou o olhar em mim, e me botou a bênção, com o gesto me mandando para trás. Fiz que vim, mas ainda virei, na gruta do mato, para saber. Nossa pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar."

(Guimarães Rosa)

”

Questão 1

Caracterize a posição do narrador em cada texto.

Questão 2

Retire de cada um dos textos uma passagem que justifique sua resposta anterior.

Leia o fragmento a seguir para responder às questões 3 e 4:

"A mãe disse: - "Está ai assim há meia hora, chorando que nem maluco.Não sei mais o que faço".

Já lhe prometi tudo mas ele continua berrando desse jeito".

Questão 3

Transcreva o fragmento para o discurso indireto.

Questão 4

Por que nesse fragmento o narrador optou pelo uso do discurso direto?

Questão 5

Reestruture o texto a seguir, dando-lhe a forma de discurso indireto.

Deixando sobre a mesa os papéis necessários, o funcionário perguntou, nervoso, ao chefe:

- O senhor assinará agora ou depois?

- Já, imediatamente! bradou o outro.

Gabarito

Questão 1

"Perto do coração selvagem" - Narrador de terceira pessoa, onisciente.

"A Terceira margem do rio" – Narrador de primeira pessoa.

Questão 2

Passagem: "Devagar veio vindo ... mas nu e calado"

"Agora sabia mesmo que o pai morrera."

Questão 3

A mãe disse que ele estava ali assim havia meia hora, chorando que nem maluco, e que ele não sabia mais o que faria.

Questão 4

Para dar voz à personagem aumentando a carga expressiva do enunciado.

Questão 5

Deixando sobre a mesa os papéis necessários, o funcionário perguntou, nervoso, ao chefe se ele assinaria naquele momento ou depois. O chefe bradou que assinaria imediatamente.

